

# Germinál



N.º II—ANO I

21 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

omp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

## Espanhois e Portuguezes

Ha dias, os jornais de grande informação publicaram o seguinte telegrama, datado de Madrid:

«La Epocha, publica uma carta de Lisboa em que se advoga a aproximação economica entre Espanha e Portugal.

A redacção, chamando a atenção para esta carta, diz que o iberismo no sentido economico, como base politica no mesmo pé de igualdade, é uma aspiração nacional que deve ser estudada, e é um dever de todos os espanhois e portuguezes procurar desprezar todos os receios mutuos. Esta nota termina dizendo que devem estreitar-se os laços de amizade e difundir o conhecimento reciproco».

Não é a primeira vez que a ideia do estreitamento de relações entre as duas nações da Peninsula se advoga. Sempre essa ideia teve defensores e em todos os campos, politicos e economicos e com os mais variados objectivos: desde o da absorção pela conquista, até á federação livre de agrupamentos de ambos os países para a defeza de interesses e conquista de direitos comuns, para um entendimento honesto donde pudesse resultar um aumento de bem-estar e de progresso para todos os povos da Peninsula.

Duas coisas principalmente se teem oposto até agora a que alguns esforços nesse sentido se tentassem com exito: Um as vezes eram as pretenções dominadoras dos governantes espanhois, outras a demasiada desconfiança dos portuguezes, sempre dispostos a verem por parte dos espanhois, governantes ou não, o desejo de atentarem contra a independencia politica de Portugal.

De tudo isto resultou um afastamento e uma vaga antipatia latente que só teem prejudicado uns e outros, avolumando-se o que os separa e perdendo-se de vista o que os devia aproximar e reunir.

Quem mais tem sofrido e continua sofrendo com este estado de coisas é o povo,

são os proletarios dos dois países, enquanto os varios exploradores se aproveitam dele para, tanto no campo politico como no campo economico, gozarem mais á vontade do fruto da exploração.

Ora é preciso que o proletariado da Peninsula repare de vez para esta situação, de que ele é a vitima principal. Se os interesses de uns e os preconceitos de outros os levaram a procurar manter o afastamento, os mal-entendidos, a antipatia, (que, apesar das boas palavras, existe) é necessario que os trabalhadores espanhois e portuguezes estudem a questão, livremente, sem influencias nacionalistas e comecem a fazer aquilo que se não tem podido fazer até agora. E' ao proletariado que mais interessa um estreitamento cada vez maior de relações, porque é ele que mais tem a ganhar com as beneficios consequencias, de toda a especie, que d'ahi resultarão.

Como o assunto é vasto a ele voltaremos.

### A questão do pão

A comissão delegada da Associação de Classe dos Operarios Manipuladores de Pão acaba de publicar um manifesto, em que se mostra como, na verdade, o pão aumentou de preço, se declaram o ministro do fomento e a comissão de subsistencias moralmente responsaveis do assalto ás padarias, e se expõe a situação dos vendedores ambulantes. Chamamos para êle a atenção dos leitores.

### Palavras e obras

O chefe evolucionista aconselha ao governo que «ande para diante». Mas averte-o: «Não é mister recorrer á espadeirada, nem ao tiro,—processos violentos e antipaticos.»

Estas são as palavras. Quem não está esquecido do ministro do interior do Governo Provisorio sabe, porém, quais são as obras.

## Os anarquistas e a guerra europêa

Terminando hoje esta longa serie d'artigos—longa demais, devido isso ao desordenado dos primeiros artigos, cuja causa expuz num deles—vou limitar-me a expôr, duma maneira geral, o que me parece haver a corrigir na propaganda e organização anarquista, como fruto da lição que a guerra deve ser para todos. Em subseqüentes numeros do *Germinál* procurarei completar, em artigos soltos, a justificação das opiniões aqui expostas e sempre com o mesmo fim: contribuir para que a questão se esclareça o mais possivel, com o que só teremos todos a ganhar.

O facto para nós culminante na declaração da guerra, é que á ordem de mobilização se não respondeu com a greve geral, com a insurreição ou com qualquer acto que tentasse ou fosse capaz de prejudicar essa mobilização, como tantas vezes se pégava.

Isso não se fez porque a massa revolucionaria não estava preparada para o fazer com o resultado necessario, isto é: de modo que a insurreição produzisse um levantamento de forças organizadas capazes para resistir ao invasor, qualquer que ele fosse. Porque não sendo assim, a insurreição não seria mais do que um gesto inutil e um agravamento do mal. A forma porque a Alemanha se conduziu e as provas de desejo de paz, de attitude defensiva por parte da França, fizeram com que uma grande parte dos revolucionarios francezes pegassem em armas contra o invasor, convictos de que este representava um perigo tanto maior, quanto entre os elementos avançados alemães se manifestara—excepção feita duma pequena minoria revolucionaria, im-

potente para grandes cometimentos—um decidido acordo com a guerra de invasão, com um desprezo manifesto por todos os laços de solidariedade pré-gados antes. Se a agressão se tivesse dado por parte da França, creio bem que as coisas não se teriam passado neste paiz como se passaram. E' um ponto que se não deve perder de vista.

A attitude dos revolucionarios que pegaram em armas e dos que os aprovam, foi classificada desfavoravelmente pelos abstencionistas, seguindo-se uma discussão sobre o que mais convinha e convem fazer. Esta discussão continúa e continuará até que os acontecimentos chamem a atenção de uns e outros para alguma obra comum e urgente a fazer, perante a qual, quero crer, se começará a reconhecer que as divergencias produzidas são muito mais superficiaes e menos perigosas para a causa do que certos camaradas julgam.

A guerra e a impotencia manifestada pelos revolucionarios, veio-nos mostrar que a propaganda internacionalista e antimilitarista fôra mal feita. E isto aconteceu assim porque:

—A propaganda foi demasiadamente formalista e literaria.

—Não se atendeu ao estado de preparação mental daqueles a quem se pré-gava.

—A propaganda foi uniforme, não se atendendo ao meio onde ela se fazia.

—Houve demasiada preocupação com o aspecto economico-capitalista da questão social, relativamente aos outros: religioso, nacionalista, politico, psiquico, racial, etc., donde resultou que:

—Não se contou com a força da tradição nacional, com a in-

fluencia da agitação de momento, com a revivescencia de crenças religiosas, julgando-se que todas estas ideias estavam mais enfraquecidas do que realmente estão.

— Não se atendeu a que a questão das nacionalidades ainda constitue uma dificuldade para a nossa propaganda, com a qual é preciso contar, quer para lhe evitar os inconvenientes, quer para aproveitar os ensejos que possa fazer surgir em nosso favor, o que não é impossível de acontecer, dada a complexidade da vida social.

— Prégou-se a indiferença pelos regimens políticos, o que —apesar de na pratica essa indiferença não existir, ou até por isso mesmo — contribuiu para a confusão que existe em muitos espiritos. Isto é, não se definiu claramente que importancia se deve atribuir aos regimens políticos.

— Não se atendeu, na propaganda das ideias, á economia domestica, prégando o sacrificio *presente* pela revolução *futura*, sem nos lembrarmos de que o bem-estar immediato tem muita força na orientação ideologica dos indivíduos, de que são raros os idealistas que estão em condições de se contentarem com a convicção num triunfo que não poderão ver.

— Não se atendeu, á mulher nem á creança, tanto no que respêta á economia domestica como á propaganda ideologica, que tem de revestir um aspecto especial para ser util.

Eis, duma maneira geral, expostas as falhas, se assim se pôde dizer, da propaganda anarquista e que é preciso remediar, fazendo... o contrario, naturalmente: atender-se ao que se menosprezou, definir-se o que está confuso, descer á realidade das coisas, occuparmo-nos do que elas são e não apenas do que elas deviam ser, para se armonisar tanto quanto possível, sem abdicções, o presente que se nos impõe com o futuro a que se aspira. E' preciso olharmos, o que quasi se não fez, para a possibilidade ou praticabilidade do que se pretende; é preciso não julgar que, pelo facto de se criticar uma instituição e de se falar na que a deve substituir, quem nos ouve ou nos lê, — dando sinais de completo acordo conosco, — se transformou num revolucionario consciente.

Bem sei que é tarefa ingrata, essa de armonisar o ideal com as necessidades da vida, na prégção e sobretudo na organização. Mas isso não deve ser motivo de a abandonarmos, antes pelo contrario. Tudo tem inconvenientes e vantagens; mas estudem-se as questões e proceda-se o mais utilmente para a ideia.

Emilio Costa.

## FIGURAS DA SOCIAL

### EUGENIO VARLIN

(1839-1871)



Luis Eugenio Varlin, nasceu a 5 de outubro de 1839, na aldeia de Voisins, comuna de Claye do departamento de Seine-et-Marne (França). Ao sair da escola, aos 13 anos, seus pais mandaram-no para Paris aprender o officio de encadernador, em que veio a ter reconhecida capacidade.

Aprendiz até ao fim de 1854, percorreu em seguida, como official, diversas oficinas parisienses, do mesmo passo que fazia a sua instrução geral em cursos nocturnos e por meio da leitura, a que se entregava sem desço, e em 1864 entrou, na qualidade de contramestre, para a casa Despierres.

Sobrio, não bebia, nem fumava, — diz-nos Descaves. Tirava de si mesmo, de uma natureza generosa e de uma intelligencia fertil, todos os seus excitantes. Parecia frio e era só reflectido. Falava pouco. Escutava com os olhos, tanto como com os ouvidos. Tinha esse olhar penetrante que só o honesto pode sustentar. Como em sua mãe, da sua fisionomia irradiava a firmeza.

#### As sociedades operarias

Para ser definitiva, a revolução proxima não deve reduzir-se a uma simples mudança de taboleta governamental ou a algumas reformas de detalhe; deve libertar radicalmente o trabalhador de todas as explorações: capitalista ou politica, e estabelecer a justiça nas relações sociaes.

A sociedade não pode deixar ao arbitrio dos privilegiados de nascimento ou da sorte a disposição da riqueza publica. Producto do trabalho colectivo, ela não pode ser empregada senão em proveito da colectividade: todos os membros da sociedade humana têm direito igual ás vantagens que dela decorrem.

Mas esta riqueza social só pode assegurar o bem-estar da humanidade, com a condição de ser utilizada pelo trabalho.

Se, portanto, o capitalista, industrial ou comerciante, não deve mais dispor arbitrariamente dos capitais colectivos, quem os fará fructificar com vantagem para todos? quem, numa palavra, organizará a produção e a distribuição dos productos?

A menos que não queiram encarregar tudo a um Estado

Fez as suas primeiras armas na sociedade dos encadernadores de Paris, para cuja fundação contribuiu em 1857 e que veio a reorganisar com a denominação de *Sociedade de solidariedade dos operarios encadernadores de Paris*, em 1870. No mês de agosto de 1864, por ocasião da ultima greve dos encadernadores parisienses, foi da comissão graças á energia da qual estes fizeram triunfar o principio do dia de trabalho reduzido a 10 horas. Fundou a sociedade de alimentação «La Marmite», cujos estatutos foram aprovados em assembleia geral de 19 de Janeiro de 1868. E foi em 1869 o secretario da *Camara Federal das Sociedades Operarias de Paris*, que se pode chamar a primeira União dos sindicatos parisienses.

De um notavel talento de organisador, a sua modestia era tão grande como a sua actividade, que nunca deixou de empregar na luta operaria.

Precursor do sindicalismo, como estas indicações deixam entrever, senão um dos seus primeiros militantes, escrevia em março de 1870: — «As sociedades corporativas formam os elementos naturais do edificio social do futuro: ellas é que poderão facilmente transformar-se em associações de produtores; ellas é que poderão empregar a utensilagem social e organizar a produção».

Filiado na Internacional, logo no seu inicio, foi a alma da comissão parisiense da celebre Associação, cuja defesa faz no processo de maio de 1868, e enfileirou-se entre os bakounistas.

Varlin fez parte da minoria socialista da Comuna, pela qual combateu nas barricadas até á ultima. Denunciado por um padre, foi preso na rua Lafayette, conduzido a Montmartre e depois á rua des Rosiers, donde o levaram, num prolongamento de agonia, outra vez a Montmartre; ali foi fusilado a 28 de Maio de 1871.

ticularidades. Não bastam para isso alguns homens inteligentes, dedicados, energicos. E' necessario principalmente que os trabalhadores, *chamados assim a trabalhar juntos, livremente e no pé da igualdade respectiva*, já estejam preparados para a vida social.

Uma das maiores dificuldades que os fundadores de sociedades de todo o genero, tentados nos ultimos anos, tem encontrado, é o *espirito do individualismo*, excessivamente desenvolvido na maior parte dos homens, mesmo naquelas que comprehendem que só pela associação os trabalhadores podem melhorar as condições da sua existencia e alcançar a sua emancipação.

Pois bem! As sociedades operarias, sob qualquer fórma que existam actualmente, tem esta enorme vantagem: habituar os homens para a vida em sociedade e prepará-los para uma organização social mais extensa. Habitua-nos não só a concertar-se e a entender-se, mas ainda a occupar-se dos seus negocios, a organizar-se, a discutir, a raciocinar ácerca dos seus interesses materiais e morais, e sempre no ponto de vista colectivo, pois que o seu interesse pessoal, individual, directo, desaparece desde que fazem parte de uma colectividade.

Junto ás vantagens que qualquer destas sociedades pôde ter para os seus membros, ha, no facto do desenvolvimento da sociabilidade, o bastante para fazê-las recomendar todas pelos que aspiram ao advento do socialismo.

Março, 11-1870.

Eugenio Varlin.

#### A Juventude

No *Despertar*, deste mez, um joven sindicalista de França diz que:

«Muita gente se admira da attitude tomada por Kropotkine; pois de nada temos que nos admirar. Acaso ele mudou de ideias? Não. Já antes da guerra ele exercia francamente, que os anti-militaristas tinham feito grandes erros na propaganda».

Depois de declarada a conflagração, foi ele o primeiro que, pela pena, emunciou esta pergunta: será esta guerra uma guerra libertadora?

Demais, porque razão esperavamos outra attitude, da parte dum intelectual? Leíamos as suas numerosas obras de propaganda e encontraremos n'ele um sincero, nada mais.»

A juventude esperançosa é uma coisa muito interessante; mas quando éla nos aparece assim, fica-se um pouco... atonito!

#### Corrigindo

Nas palavras que precedem a carta de Kropotkine inserta na secção *A proposito da guerra* do ultimo numero, saiu: «o apoio de uma das guerras», quando era: «o apoio de uma passagem do estudo das guerras»; e na propria carta safu: «muito pobre. Neste momento», quando era: «muito pobre, neste momento.»